

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

**CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA DE ESTUDANTES NO ENSINO SUPERIOR**

Beatriz Silva Zivich -  
UEL - beazivich@gmail.com;  
Paula Mariza Zedu Alliprandini -  
UEL – paulaalliprandini@uel.br

**Eixo 3: Educação Superior**

**Resumo**

Este artigo está embasado na Teoria Social Cognitiva, mais especificamente nas crenças de autoeficácia, que se definem como a percepção das pessoas sobre suas capacidades para planejar e executar cursos de ação para atingir determinado resultado. A pesquisa teve como objetivo verificar o nível das crenças de autoeficácia de estudantes das 3<sup>as</sup> e 4<sup>as</sup> séries do curso de Pedagogia de uma Universidade Pública, em relação às disciplinas: Práticas Educativas com Crianças de 0 a 3 anos, Saberes e Fazeres da Educação Infantil, Filosofia e Educação no Brasil, Didática de História para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, Didática de Língua Portuguesa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental I e Didática de Ciências da Natureza para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental I. Participaram desta pesquisa 84 estudantes, matriculados nos períodos matutino e noturno. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a Escala de Autoeficácia na Formação Superior (GUERREIRO, 2007), do tipo Likert de dez pontos. De acordo com a análise dos resultados os participantes apresentaram um nível de moderado a alto relacionado às suas crenças de autoeficácia.

**Palavras-chave:** Teoria social cognitiva. Autoeficácia. Formação superior.

**Introdução**

Atualmente, na área da psicologia educacional, estudos se desenvolvem em torno de fatores que afetam o processo de ensino e aprendizagem. Fatores estes que não se vinculam com a metodologia utilizada ou com as capacidades cognitivas dos alunos, mas sim a fatores afetivos envolvidos neste processo, que interferem na motivação dos alunos e no desenvolvimento de sua aprendizagem (SOUZA; BRITO, 2008).

O conceito de Autoeficácia, criado pelo pesquisador Albert Bandura, é considerado um importante mediador no processo de ensino e aprendizagem, pois ele é determinante para a quantidade de tempo e esforço investidos pelos indivíduos

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO  
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO  
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

na realização de suas tarefas, entre outros aspectos. De acordo com o autor, são as crenças positivas na eficácia pessoal que impulsionam o indivíduo a realizar ações.

O favorecimento do desenvolvimento das auto percepções dos alunos deve ser uma preocupação presente no ambiente de ensino e no planejamento das práticas pedagógicas, estas não devem ter como objetivo apenas a aprendizagem de conhecimentos por parte dos alunos, mas também deve ser considerada a influência que exercem em relação às crenças dos indivíduos envolvidos no processo educacional. (SOUZA; BRITO, 2008).

Este artigo está organizado da seguinte maneira: inicialmente, apresenta-se uma descrição dos objetivos e do método empregado. Em seguida, apresenta-se a base teórica do estudo. Finalizando, serão apresentados os resultados do estudo e as conclusões.

### **Objetivo**

Verificar o nível das crenças de autoeficácia dos estudantes das 3<sup>as</sup> e 4<sup>as</sup> séries do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina em relação às disciplinas: Prática Educativa com Crianças de 0 a 3 anos, Saberes e Fazeres da Educação Infantil, Filosofia e Educação no Brasil, Didática de História para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, Didática de Língua Portuguesa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, Didática de Ciências da Natureza para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental I.

### **Metodologia**

#### **PARTICIPANTES**

Um total de 84 estudantes, matriculados nas 3<sup>as</sup> e 4<sup>as</sup> séries do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina, nos períodos matutino e noturno. A idade variou entre 19 a 45 anos, sendo todos do sexo feminino. Do total, 41 alunos estavam matriculados na 3<sup>a</sup> série do curso e 43 matriculados na 4<sup>a</sup> série.

#### **INSTRUMENTOS**

Foram utilizados: uma ficha de caracterização do participante e a Escala de Autoeficácia na Formação Superior (GUERREIRO, 2007). De acordo com a autora, este instrumento foi desenvolvido para identificar a autoeficácia acadêmica

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

de estudantes do Ensino Superior, através de questões referentes à autoeficácia. Composta por 34 questões. As percepções podem variar em uma escala do tipo Likert de 10 pontos, avaliando cinco dimensões: Autoeficácia acadêmica, Autoeficácia na regulação da formação, Autoeficácia na interação social, Autoeficácia em ações proativas e Autoeficácia na gestão acadêmica. (GUERREIRO, 2007).

#### PROCEDIMENTOS

Inicialmente, o projeto desta pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UEL (CEP/UEL), segundo as normas das Resoluções 466/12, 510/16 e complementares. Após sua aprovação, conforme parecer 2.723.344, os instrumentos foram aplicados coletivamente, em período normal de aula com a permissão dos professores presentes em cada turma. Primeiramente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi entregue na forma impressa, em seguida foram entregues os instrumentos da pesquisa para os estudantes, sendo que somente tiveram acesso aos instrumentos da pesquisa, os alunos que, ao leram o TCLE, concordaram em participar do estudo. Este procedimento ocorreu entre os meses de Agosto e Setembro do ano de 2018, nas seguintes turmas: 3<sup>as</sup>. séries (turmas 1000, 2000, 3000 e 4000) e 4<sup>as</sup>. séries (turmas 2000, 3000 e 4000).

Deve-se ressaltar que a participação foi voluntária e que os objetivos da pesquisa foram esclarecidos aos participantes. Além disso, foi assegurado que a pesquisa não acarretaria em nenhum prejuízo para os estudantes e que os mesmos poderiam desistir da participação. Desta forma, obteve-se um consentimento dos participantes para a realização desta pesquisa.

#### **Referencial teórico**

##### TEORIA SOCIAL COGNITIVA

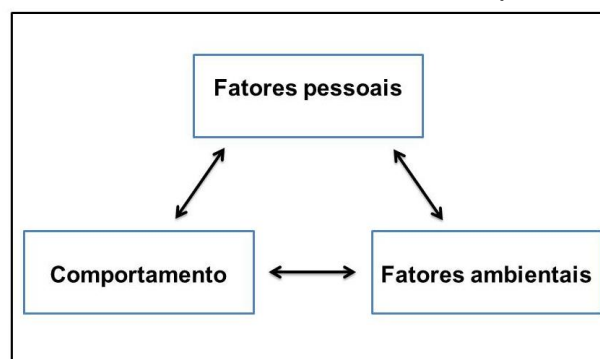
A Teoria Social Cognitiva foi criada por Albert Bandura em 1986, tendo como objetivo explicar o comportamento humano considerando a importante influência que os processos cognitivos exercem sobre ele. Isto é o que diferencia esta teoria das demais criadas na mesma época, como, por exemplo, a Teoria Behaviorista, que explica que o funcionamento humano é causado por estímulos

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

externos, “segundo essa visão, o comportamento humano é moldado e controlado automática e mecanicamente por estímulos ambientais.” (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008, p. 69). Porém, Bandura defende que “uma teoria que nega que os pensamentos podem regular as ações não consegue explicar comportamentos humanos complexos” (BANDURA, 1986, p. 15, apud PAJARES; OLAZ, 2008, p. 99). Desta forma, para o autor, os processos introspectivos dos indivíduos devem ser considerados os que mais exercem influência sobre seus comportamentos, ao mesmo tempo em que não devem ser desconsiderados os processos ambientais, pois eles também influenciam.

Os autores Pajares e Olaz (2008) explicam que a base da Teoria Social Cognitiva está no modelo do “Determinismo Recíproco”. Esse modelo é composto por três itens que se influenciam mutuamente (Figura 1):

**Figura 1** - Modelo do Determinismo Recíproco



**Fonte:** Pajares e Olaz (2008).

Sobre o modelo do Determinismo Recíproco entende-se que o comportamento de um indivíduo não é ditado pelo ambiente, apesar de receber dele influências. O ser humano tem a capacidade de refletir sobre suas decisões, de modo que seu comportamento será, também, resultado de suas próprias ações cognitivas. (apud PAJARES; OLAZ, 2008).

Neste contexto, Bandura desenvolve o conceito de agência humana, este está relacionado com capacidades de simbolizar, aprender com o outro, planejar, autorregular-se e autorrefletir. Essas capacidades proporcionam ao ser humano a possibilidade de modelar seus comportamentos por meio de mecanismos como a intencionalidade, a antecipação, autorreatividade e a autorreflexão. (apud PAJARES; OLAZ, 2008).

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO  
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO  
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

A intencionalidade diz respeito a um compromisso que o indivíduo tem de alcançar um futuro desejado. “Uma intenção é uma representação de um curso de ação futuro a ser seguido.” (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008, p. 74).

A antecipação se relaciona com a capacidade de prever um evento futuro possível de ser atingido, que depende das escolhas de ações que a pessoa realiza. Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 75) explicam que “a capacidade de fazer com que resultados previstos afetem as atividades atuais promove o comportamento antecipatório.”

A autorreatividade é “a capacidade de dar forma a cursos de ação adequados e de motivar e regular sua execução.” (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008, p. 76). Este mecanismo está relacionado ao autodirecionamento, ou seja o indivíduo deve conectar seus pensamentos às suas ações, autorregulando-se.(apud PAJARES; OLAZ, 2008).

A autorreflexão consiste em autoavaliar-se a respeito de suas próprias ações e pensamentos. (apud PAJARES; OLAZ, 2008).

Mecanismos como os citados compõem um indivíduo agente e proativo. Mas, segundo os autores Pajares e Olaz (2008), as crenças de autoeficácia são o fundamento nuclear da Teoria Social Cognitiva. Bandura, Azzi e Polydoro (2008, p. 78) afirmam que “as crenças de eficácia são a base da agência humana.” Pois o indivíduo agente deve, primeiramente, acreditar em sua capacidade de exercer cursos de ação que levem a resultados.

#### AS CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA

No contexto da Teoria das Crenças de Autoeficácia, o sentido de “crenças” expressa “os julgamentos das pessoas em suas capacidades para organizar e executar cursos de ação necessários para alcançar certos tipos de desempenho.” (BANDURA, 1997, p. 3 apud AZZI; POLYDORO, 2006, p. 11).

De acordo com Azzi e Polydoro (2006), as crenças de autoeficácia se referem às percepções pessoais sobre a própria capacidade de organizar os cursos de ação necessários para executar uma determinada tarefa específica relacionada a um determinado momento e contexto.

Bandura (1997), afirma que “se as pessoas não acreditam que têm o poder para produzir resultados, elas não tentarão fazer as coisas acontecerem.”

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

(BANDURA, 1997, p. 3 apud AZZI; POLYDORO, 2006, p. 9). Nesse sentido, a influência das crenças de autoeficácia no funcionamento humano está vinculada ao modo como os indivíduos enfrentam as tarefas, à quantidade de esforço despendido para sua realização, às escolhas que as pessoas fazem e como se sentem ao a executarem determinadas ações. (apud PAJARES; OLAZ, 2008).

Baixas crenças de autoeficácia poderão fazer-se acompanhar de um discurso interno negativo e de respostas de ansiedade, as quais interferem na concentração na tarefa a desempenhar, prejudicando o desempenho. A baixa autoeficácia poderá ser, de fato, uma profecia auto-realizada. (BETZ, 2004, p. 342 apud AZZI; POLYDORO, 2006, p. 49).

Pajares e Olaz (2008, p. 106) explicam que a influência das crenças de autoeficácia no funcionamento humano pode exercer no indivíduo um tipo de “profecia autorrealizável”, pois, o indivíduo com altas crenças de eficácia, despende esforço e persiste em frente aos obstáculos até concretizar sua realização. Por outro lado, o indivíduo com baixas crenças de eficácia possivelmente executará seus cursos de ação com menos esforço e persistência, o que poderá resultar no fracasso da atividade.

#### FONTES DAS CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA

Segundo Bandura (1977), as crenças de eficácia originam-se das experiências diretas, das experiências vicárias, da persuasão social e dos estados físicos e emocionais (apud AZZI; POLYDORO, 2006).

As experiências diretas estão relacionadas com o resultado de um comportamento anterior. Com base nas experiências obtidas, os indivíduos interpretam os resultados, considerando as características da tarefa e das condições contextuais, e constroem suas crenças a respeito do que são ou não são capazes de realizar. Resultados interpretados como bem sucedidos contribuem para que as crenças de eficácia sejam positivas, ao passo que aqueles interpretados como fracassos, reduzem as crenças dos indivíduos. (apud AZZI; POLYDORO, 2006).

De acordo com Azzi e Polydoro (2006), as experiências vicárias contribuem na formação das crenças de autoeficácia à medida que o indivíduo observa outras pessoas executando tarefas. Essa fonte “é particularmente poderosa

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

quando os observadores enxergam semelhanças em alguns atributos e acreditam que o desempenho do modelo é diagnóstico de sua própria capacidade.” (PAJARES; OLAZ, 2008, p. 104). Tais modelos podem motivar, no caso de mostrarem sucesso, da mesma forma, assistir a modelos fracassarem pode prejudicar as crenças dos observadores. (apud PAJAES; OLAZ, 2008).

A terceira fonte das crenças de autoeficácia é a persuasão social. São os comentários expressos por outras pessoas a respeito da capacidade de realização de uma ação. As persuasões positivas encorajam o indivíduo e as negativas poderão enfraquecer suas crenças. (apud AZZI; POLYDORO, 2006).

A quarta fonte das crenças de autoeficácia são os estados físicos e emocionais que estão associados à atividade que o indivíduo se propõe a executar. “Reações emocionais fortes a uma tarefa fornecem pistas sobre a previsão de sucesso ou fracasso.” (PAJARES; OLAZ, 2008, p. 105). Quando o indivíduo sentir seus estados físicos e emocionais abalados, poderá ter pensamentos negativos sobre seu desempenho em determinada tarefa. (apud AZZI; POLYDORO, 2006).

Os estudos de Medeiros *et al.* (2003) apontam que alunos que apresentam baixo senso de autoeficácia, tendem a evitar tarefas difíceis e percebem-nas como ameaça pessoal, além disso, apresentam baixas expectativas e envolvimento com metas e mantêm seu foco mais direcionado ao autodiagnóstico do que em estratégias para ter realizações.

As informações adquiridas por meio das fontes das crenças de autoeficácia não se traduzem diretamente em avaliações de competência, pois os indivíduos precisam passar pelo processo de interpretação dos resultados para fundamentarem seus julgamentos de eficácia. (apud PAJARES; OLAZ, 2008).

A autoeficácia compreende um julgamento pessoal de capacidade de um indivíduo, porém, este julgamento não se refere especificamente à sua real capacidade, mas sim, ao que o mesmo acredita ser capaz de realizar. Pajares e Olaz (2008, p. 102) indicam que “as crenças e a realidade nunca se encaixam perfeitamente e os indivíduos, geralmente, são orientados por suas crenças quando se envolvem com o mundo.” Deste modo, as crenças de autoeficácia são algo subjetivo, logo, a maneira como são interpretadas também é. (apud PAJARES; OLAZ, 2008).

Diversas pesquisas referentes à Teoria das Crenças de Autoeficácia e sua relação com o contexto educacional são desenvolvidas, pois o senso de

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

autoeficácia pode ser uma importante fonte de motivação e incentivo, com potencial para favorecer os processos pedagógicos.

## Resultados

Atendendo ao objetivo do trabalho, foi realizado o cálculo a partir das respostas dos participantes, foram calculadas as médias para cada fator que compõe a escala, nas respectivas séries, turmas, disciplinas e professores responsáveis. Foram, também, calculadas as médias por turma e por disciplina (Tabela 1).

**Tabela 1** - Nível de autoeficácia (AE) dos estudantes por disciplinas, turmas, professores responsáveis, de acordo com as séries cursadas.

Disciplina	Turmas	Professores	Dimensões da Escala					Média
			AE Acadêmica	AE Regulação	AE Interação social	AE Proatividade	AE Gestão	
<b>3<sup>as</sup> séries</b>								
<b>Filosofia e Educação no Brasil</b>	1000	P1	6,78	8,00	8,43	5,71	7,23	7,23
	2000	P1	5,39	4,29	4,07	3,71	4,37	4,37
	3000	P2	8,19	8,14	7,75	7,75	7,75	7,75
<b>Média</b>			7,19	7,02	6,80	5,84	6,71	6,71
<b>Prática educativa com crianças de 0 a 3 anos</b>	1000	P4	8,44	7,86	8,86	6,57	7,93	7,93
	2000	P3	7,74	7,33	6,83	6,24	7,03	7,03
	3000	P3	7,89	7,86	9,50	7,21	8,12	8,12
	4000	P4	5,78	6,00	7,00	5,57	6,09	6,09
<b>Média</b>			7,82	7,59	7,54	6,63	7,40	7,40
<b>Saberes e Fazeres da Educação Infantil</b>	1000	P6	6,91	7,30	7,51	6,16	6,97	6,97
	2000	P5	8,19	8,05	7,86	6,64	7,68	7,68
	3000	P6	8,52	7,62	7,86	5,67	7,41	7,41
	4000	P5	4,22	6,57	5,86	4,57	5,31	5,31
<b>Média</b>			7,43	7,55	7,59	6,15	7,18	7,18
<b>Média geral</b>			7,53	7,47	7,44	6,27	7,18	7,18
<b>4<sup>as</sup> séries</b>								
<b>Didática de Ciências da Natureza</b>	2000	P7	7,64	7,46	7,36	6,68	7,28	7,28
	3000	P7	7,94	7,71	7,97	6,93	7,64	7,64
	4000	P7	7,70	7,95	8,62	7,31	7,90	7,90
<b>Média</b>			7,81	7,74	8,04	6,99	7,65	7,65



**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

<b>Didática de História</b>	2000	P9	8,67	8,93	9,36	8,29	8,81	8,81
	3000	P8	7,68	8,02	8,33	6,79	7,71	7,71
<b>Média</b>			7,82	7,59	7,54	6,63	7,40	7,40
<b>Didática de Língua Portuguesa</b>	3000	P10	7,40	7,14	7,31	6,29	7,04	7,04
	4000	P10	8,00	7,86	7,84	7,41	7,78	7,78
<b>Média</b>			7,75	7,56	7,62	6,94	7,47	7,47
<b>Média geral</b>			7,81	7,80	8,05	7,00	7,66	7,66
<b>Média geral (3<sup>as</sup> e 4<sup>as</sup> Séries)</b>			7,67	7,64	7,75	6,64	7,43	7,43

**Fonte:** As autoras (2019).

Partindo da média geral dos estudantes das 3<sup>as</sup> e 4<sup>as</sup> séries, é possível afirmar, com base nos resultados obtidos, que os participantes desta pesquisa possuem um nível de crenças de autoeficácia de médio a alto (7,43), considerando que a pontuação varia de 1 a 10, conforme proposto pela Escala de Autoeficácia na Formação Superior (AEFS) (GUERREIRO, 2007). Importante ressaltar que as autoras da escala não informam como os dados obtidos poderiam ser interpretados. Isso sinaliza, em tese, que os sujeitos da pesquisa são motivados, persistentes, engajados e responsáveis em relação à sua formação. Os estudos de Oliveira e Soares (2011) apresentaram resultados que afirmam que os estudantes que confiam mais em suas capacidades são mais dedicados, autorregulados e despendem maior esforço para atingir seus objetivos de aprendizagem.

Ao observar os resultados apresentados pelos alunos, considerando uma mesma disciplina, ministrada por diferentes professores, evidencia-se uma tendência a obtenção de diferentes níveis de autoeficácia, conforme segue: na disciplina “Filosofia e Educação no Brasil”, ministrada pelo professor “P1” (turmas 1000 e 2000) e “P2” (turma 3000) percebe-se uma diferença entre o nível de autoeficácia dos estudantes, sendo 7,23, 4,37 e 7,75, respectivamente; disciplina “Prática educativa com crianças de 0 a 3 anos”, ministrada pelo professor “P3” (Turma 3000) e pelo professor “P4” (Turma 4000), a diferença entre o nível de autoeficácia apresentada foi de 8,12 e 6,09; “Saberes e Fazeres da Educação Infantil”, ministrada pelo professor “P6” (turmas 1000 e 3000) e “P5” (turmas 2000 e 4000), percebe-se uma diferença entre o nível de autoeficácia, sendo 6,97, 7,41, 7,68 e 5,31, respectivamente; “Didática de História”, ministrada pelo professor “P9”

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

(turma 2000) e “P8” (turma 3000) apresentam uma diferença entre o nível de autoeficácia, sendo 8,81 e 7,71, respectivamente.

Também pode-se observar que na maioria dos casos há diferenças entre as médias obtidas, ao considerar um mesmo professor ministrando a mesma disciplina para turmas diferentes, conforme segue: disciplina “Saberes e Fazeres da Educação Infantil”, ministrada pelo professor “P6” (turmas 1000 e 3000) apresentaram nível de autoeficácia de 6,97 e 7,41, no caso das turmas 2000 e 4000, ministradas pelo professor “P5” os níveis são 7,68 e 5,31; “Filosofia e Educação no Brasil” ministrada pelo professor “P1” (turmas 1000 e 2000), níveis de 7,23 e 4,37; “Prática educativa com crianças de 0 a 3 anos” ministrada pelo professor “P4” (turmas 1000 e 4000) apresentaram níveis de 7,93 e 6,09, nas turmas 2000 e 3000, ministrada pelo professor “P3” os níveis foram de 7,03 e 8,12; “Ciências da Natureza” ministrada pelo professor “P7” (turmas 3000 e 4000) apresentaram níveis de autoeficácia de 7,64 e 7,90; “Didática de Língua Portuguesa” ministrada pelo professor “P10” (turmas 3000 e 4000) apresentaram níveis de 7,04 e 7,78, respectivamente.

Os estudos de Goya, Bzuneck e Guimarães (2008) também apontaram variações significativas entre as médias dos alunos de acordo com turma a que pertencem, dentro de uma mesma série. Os estudos ainda evidenciaram que as crenças de eficácia dos professores relacionam-se positivamente com motivação apresentada pelos alunos para aprender.

A respeito da importância de se avaliar diferentes dimensões do nível de percepção de autoeficácia, os autores Pajares e Olaz explicam que

[...] os indivíduos muitas vezes percebem que apenas dominam suas capacidades parcialmente, sentindo-se mais competentes com relação a alguns componentes do que a outros. A maneira como enfocam e avaliam esses componentes afetará muito o seu sentido de eficácia. (PAJARES; OLAZ, 2008, p. 107).

Em relação aos resultados da pesquisa realizada, observa-se que a dimensão com menores médias em todos os casos foi a dimensão da “Autoeficácia em ações proativas”, que está relacionada com percepção de confiança dos alunos na capacidade de aproveitarem as oportunidades de formação, usufruírem de autonomia para atualizarem seus conhecimentos e promoverem melhorias institucionais. É possível que esta dimensão tenha alcançado resultado de níveis

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

mais baixos em relação às outras, uma vez que os alunos estão, em sua maioria, acostumados com as instituições educacionais tradicionais da educação básica que apresentam pouca abertura para participação estudantil e não estimulam características proativas dos alunos. Desta forma, quando ingressam na graduação, estes alunos precisam passar por um complexo processo de adaptação aos novos moldes institucionais para, assim, exercer posturas proativas. Também deve-se questionar se as instituições de Ensino Superior têm ensinado e estimulado seus alunos a desenvolver a proatividade e a autonomia, provavelmente isso não acontece de maneira muito eficiente, pois os participantes desta pesquisa já se encontram nas 3<sup>as</sup> e 4<sup>as</sup> do curso, ou seja, já passaram por diversas experiências que poderiam ter colaborado mais para seu desenvolvimento proativo.

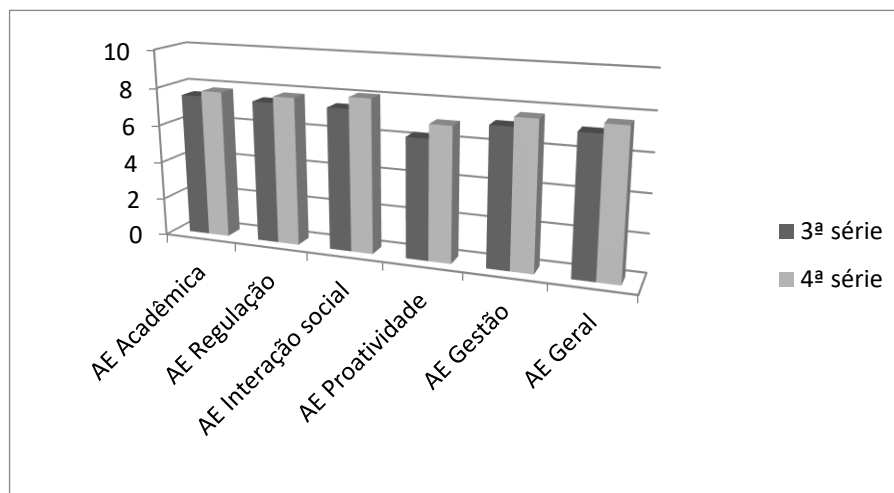
Outro dado apresentado na Tabela 1 evidencia que a dimensão com maior nível de autoeficácia entre os estudantes da 3<sup>a</sup> série é a dimensão da autoeficácia acadêmica e é a segunda maior média obtida pelos alunos da 4<sup>a</sup> série, a qual demonstra a capacidade para aprender, e aplicar os conteúdos com os quais estão em contato, sendo este um importante indicativo sobre o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem e do estado de motivação destes alunos.

A dimensão que apresentou maior média pelos alunos da 4<sup>a</sup> série foi a dimensão de autoeficácia na interação social. Naturalmente, a confiança percebida pelos alunos em sua capacidade de relacionar-se com os colegas e professores tende a aumentar, pois, com o passar do tempo os indivíduos vão aprimorando aspectos que colaboram para o convívio com o grupo, fortalecendo suas relações sociais.

A respeito da importância do acúmulo de experiências, promovido pelo maior período de tempo experienciado pelos alunos, observa-se um dado interessante ao comparar os níveis de autoeficácia entre os estudantes das 3<sup>as</sup> e das 4<sup>as</sup> séries. Conforme pode ser visualizado Gráfico 1, os participantes da 4<sup>a</sup> série apresentam níveis de autoeficácia maiores em todas as dimensões, quando comparados como os resultados obtidos pelos alunos da 3<sup>a</sup> série.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

**Gráfico 1** - Comparação do nível de AE entre estudantes das 3<sup>as</sup> e 4<sup>as</sup> séries



**Fonte:** As autoras (2019).

Este resultado é coerente com os pressupostos teóricos, pois de acordo com Pajares e Olaz (2008), é importante que a autoeficácia seja verificada periodicamente para que seja possível avaliar o efeito das experiências sobre o sentido de competência dos indivíduos, pois a relação entre a autoeficácia e as ações é afetada pelo tempo e pelas experiências decorridas dele. Bandura, Azzi e Polydoro (2008) afirmam que a principal fonte de informação de eficácia são os desempenhos já apresentados pelas pessoas anteriormente. Desta forma, estudantes em séries mais adiantadas, conseqüentemente, passaram por mais experiências e já estão mais habituados com a rotina e com o ambiente universitário. Possivelmente, esses aspectos fortaleceram, gradualmente, suas crenças em suas capacidades para aprender, autorregular suas ações, relacionar-se com os colegas e professores, estabelecer metas, planejar, cumprir prazos e envolver-se com as atividades acadêmicas, o que pode ser confirmado pelos dados obtidos, conforme apontado anteriormente.

## **Conclusões**

Por meio da pesquisa realizada, a análise dos resultados evidenciou que os estudantes das 3<sup>as</sup> e 4<sup>as</sup> séries do curso de Pedagogia apresentaram um nível de moderado a alto relacionado às crenças de autoeficácia em relação ao seu desenvolvimento no curso.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

Investigar a crença de autoeficácia é importante para a compreensão de como características do ambiente educacional podem influenciar a percepção de capacidade dos alunos. A avaliação da percepção de autoeficácia no contexto educacional pode ser útil para o processo de planejamento de intervenções pedagógicas, pois, o modo como os estudantes percebem sua eficácia acadêmica afeta seu desempenho e seus comportamentos subsequentes. Desta forma, é importante que os educadores considerem aspectos como as crenças pessoais de capacidade de seus alunos, buscando favorecer o desenvolvimento de autopercepções dos mesmos.

Espera-se que este trabalho venha agregar ao acervo de estudos acerca das crenças de autoeficácia, em especial, sobre sua importante influência no contexto educacional, incentivando mudanças nas perspectivas e atitudes dos profissionais da área pedagógica.

### **Referências**

AZZI, R. G. POLYDORO, S. A. J. **Auto-eficácia em diferentes contextos**. Campinas: Alínea, 2006.

BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. (ed.). **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BZUNECK, J. A. Prefácio. *In*: BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. G. (ed.). **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GOYA, A.; BZUNECK, J. A.; GUIMARÃES, S. E. R. Crenças de eficácia de professores e motivação de adolescente para aprender física. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 51-67, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-85572008000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-85572008000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 9 fev. 2019.

GUERREIRO, D. C. **Integração e auto-eficácia na formação superior na percepção de ingressantes: mudanças e relações**. 2007. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

IAOCHITE, R. T.; COSTA FILHO, R. A.; MATOS, M. M.; SACHIMBOMBO, K. M. C. Autoeficácia no campo educacional: revisão das publicações em periódicos brasileiros. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 45-54, jan./abr. 2016.

KAMIA, M.; PORTO, J. B. Comportamento proativo nas organizações: o efeito dos valores pessoais. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 31, n. 3, 2011.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932011000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000300003). Acesso em: 9 mar. 2019.

MARTINELLI, S. C.; SASSI, A. G. Relações entre autoeficácia e motivação acadêmica. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 30, n. 4, p. 780-791, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1414-98932011000400009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-98932011000400009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 9 mar. 2019.

MEDEIROS, P. C.; LOUREIRO, S. R.; LINHARES, M. B.; MARTURANO, E. O senso de auto-eficácia e o comportamento orientado para aprendizagem em crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 1, p. 93-105, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17239.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2019.

OLIVEIRA, M. B.; SOARES, A. B. Auto-eficácia, raciocínio verbal e desempenho escolar em estudantes. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 33-39, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v27n1/a05v27n1.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2019.

PAJARES F.; OLAZ, F. Teoria social cognitiva e auto-eficácia: uma visão geral. *In*: BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. G. (ed.). **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 97-114.

SOUSA, H.; BARDAGI, M. P.; NUNES, C. H. S. Autoeficácia na formação superior e vivências de universitários cotistas e não cotistas. **Avaliação Psicológica**, Itatiba, v. 12, n. 2, 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712013000200016](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000200016). Acesso em: 5 mar. 2019.

SOUZA, L. F. N. I.; BRITO, M. R. F. Crenças de auto-eficácia, autoconceito e desempenho em matemática. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 193-201, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-166X2008000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-166X2008000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 5 mar. 2019.